

“O SÃO FRANCISCO PARTIU MINHA VIDA EM DUAS PARTES”:

A VIAGEM DE RIOBALDO

ALMA ADENTRO / SERTÃO AFORA

Sebastião Rios*

Carolina Santos**

Resumo: na geografia / simbologia do romance *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, o Rio São Francisco tanto é um acidente físico como um elemento significativo de uma realidade mágica que divide o mundo na margem direita, de Deus e do bem, e na esquerda, dos que tem pacto com o Demo. Neste espaço geográfico e simbólico, o personagem Riobaldo realiza sua “travessia”, no sertão e na sua alma, buscando se libertar da condição de pactário e assumir justamente seu nome: o que tem a força do rio - símbolo do incessante movimento da vida -, que se auto determina.

Palavras-chave: rio, narrativa, literatura brasileira, João Guimarães Rosa

Abstract: in João Guimarães Rosa's Roman *Grande sertão: veredas*, the River São Francisco has a magical meaning. It divides the world in the right blessed bank and the link one of those who have a pact with the Devil. In this geographical and symbolical space, the character Riobaldo crosses the hinterland seeking the knowledge of himself and the liberation of his soul. In his cross, he becomes aware of the power of his name: the one who has the energy of the river - symbol of the incessant changing on life -, who is able to determine his own Way.

Key words: river, narrative, brazilian literature, João Guimarães Rosa

No romance, *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, o narrar ordena o viver em busca do sentido. Ao assumir a pergunta “o diabo existe e não existe?”, Riobaldo faz um mergulho profundo em sua alma. Os acontecimentos épicos das aventuras passadas do jagunço em sua viagem externa pelo sertão comparecem como material de exemplificação em sua tentativa de resolver sua questão existencial. Mas esta questão não era colocada pelo jagunço: “De primeiro, eu fazia e mexia, e pensar não pensava. Não possuía os prazos. (...) Mas, agora, feita a folga que me vem, e sem pequenos dessorregos, estou de range rede. E me inventei neste gosto, de especular idéia. O diabo existe e não existe? Dou o dito. Abrenuncio. Essas melancolias”. (ROSA, 1976, p. 11)



Ela se coloca apenas para o narrador: “Eu era dois, diversos? O que não entendo hoje, naquele tempo eu não sabia.” (ROSA, 1976, p. 369). Assim, o drama existencial de Riobaldo desloca o interesse dos eventos narrados no enredo para a busca de seu sentido, o que se dá no e pelo próprio ato narrativo. O que aconteceu é evidente, não carece de maiores indagações. Difícil é entender o sentido. Viver é muito perigoso. Narrar é muito dificultoso. “Mas, onde é bobice a qualquer resposta, é aí que a pergunta se pergunta. Por que foi que eu conheci aquele menino?” (ROSA, 1976, p. 86)

Ter conhecido aquele menino – o Reinaldo / Diadorim –, e ter com ele atravessado o Rio São Francisco, muda para sempre o destino de Riobaldo. É por amor a Diadorim que Riobaldo vive sua aventura épica, recusa uma vida comum de sitiante, fazendeiro ou barranqueiro e vai atrás de seu alto destino, o que no mais das vezes é um caminho difícil. É Diadorim a seu lado que o faz aprender por si e tomar as rédeas de seu destino.

Envolvido na guerra que conflagrou o sertão, Riobaldo acaba se juntando ao bando de Joca Ramiro na luta contra seu ex-chefe Zé Bebelo. Ao final deste primeiro conflito, ele e Diadorim enfrentam uma batalha ainda mais difícil contra o Hermógenes e seu bando que haviam matado Joça Ramiro à traição. Nessa segunda parte da narrativa, todas as ações de Riobaldo são voltadas para exterminar o Hermógenes, acabar com aquela guerra e viver em paz, com Diadorim a seu lado. Tudo se cumpre. No entanto, ele perde Diadorim e tem a revelação do enigma da personagem, que constitui uma espécie de *gran finale* da narrativa.

Esta grande revelação, entretanto, acirra o sentido trágico da obra ao invés de arrefecer sua dramaticidade. É a partir desta revelação que Riobaldo vai tentar entender o que aconteceu e esbarra, por indicação de Zé Bebelo, com Quelemém, que se tornará seu compadre e guia de sua viagem alma adentro, na qual interessa, sobretudo, a indagação do sentido do que aconteceu: “Não sei contar direito. Aprendi um pouco foi com o compadre Quelemém; mas ele quer saber tudo diverso: quer não é o caso inteirado em si, mas a sobre-coisa, a outra-coisa.” (ROSA, 1976, p. 152)

O deslocamento do interesse dos eventos narrados para a busca de seu sentido caracteriza “Grande sertão: veredas” como um drama estático e extático. O drama se adensa quando encerra a ação. Finda a grande aventura sertão afora, começa a aventura alma adentro: “Vivendo, se aprende; mas o que se aprende, mais, é só a fazer outras maiores perguntas.” (ROSA, 1976, P. 312)

Esta viagem alma adentro comparece em uma suposta situação de diálogo entre Riobaldo e seu interlocutor, um homem letrado e da cidade. Mas esta é uma situação de superfície. O verdadeiro diálogo, em águas profundas, é de Riobaldo consigo mesmo: “Falar com o estranho assim, que bem ouve e logo longe se vai embora, é um segundo proveito: faz do jeito que eu falasse mais mesmo comigo. Mire veja: o que é ruim, dentro da gente, a gente perverte sempre por arredar mais de si. Para isso é que o muito se fala?” (ROSA, 1976, p. 33)

Quando Riobaldo lança a pergunta “o diabo existe e não existe?”, ele não espera nenhuma resposta. Nem do interlocutor e nem do leitor. A pergunta se pergunta a si mesmo. Afirmando que o saber autêntico é fruto da experiência real da vida, ele ironiza a condição meramente letrada ou erudita de seu interlocutor e a única coisa que espera deste é o silêncio. Isso porque Riobaldo é o interlocutor interno de si mesmo.

Em sua narrativa temos várias vozes, de diversas máscaras de Riobaldo, em polêmica. Riobaldo narrador polemiza com Riobaldo jagunço, com o exímio atirador Tatarana e, especialmente, com o chefe Urutú-Branco. Nesta polêmica comparece a epopéia do homem em seus perenes conflitos, num mundo em que atuam as forças do bem e do mal, de Deus e do Diabo.



Explico ao senhor: o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem – ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos. Solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum. Nenhum! – é o que digo. O senhor aprova? Me declare tudo, franco – é alta mercê que me faz: e pedir posso encarecido. Este caso – por estúrdio que me vejam – é de minha certa importância. Tomara não fosse.... (ROSA, 1976, p.11)

Não se trata, pois, da simples narração de uma existência, mas, antes, do drama de uma existência que se apresenta e se representa a si mesma.

A busca da autenticidade de Riobaldo só se consuma no autêntico ato da narração. Antes disso o que existe é o rosto do adormecido – como aparece no conto “O espelho”, do autor – ou a objetivação psíquica do pactário. Isso quer dizer que Riobaldo narra para exorcizar de si o Urutú-Branco. A relação entre o narrador e o jagunço é, antes, de contraposição que de sobreposição: “O jagunço Riobaldo. Fui eu? Fui e não fui. Não fui! – porque não sou, não quero ser. Deus esteja!” (ROSA, 1976, p. 166). “Eu era assim. Sou? Não creia o senhor. Fui o chefe Urutú-Branco – depois de ser Tatarana e de ter sido o jagunço Riobaldo. Essas coisas larguei, largaram de mim, na remotidão. Hoje eu quero é a fé, mais a bondade.” (ROSA, 1976, p. 412)

A narrativa de Riobaldo está ligada ao ato solene da vontade do espírito que almeja superar, na linguagem e pela linguagem, a clausura da condição de pactário, eliminando a máscara do demo. “Tudo é pacto. Todo caminho da gente é resvaloso. Mas, também, cair não prejudica demais – a gente levanta, a gente sobe, a gente volta! Deus resvala? Mire e veja. Tenho medo? Não. Estou dando batalha. É preciso negar o que o “Que Diga” existe.” (ROSA, 1976, p. 237)

Pela narrativa, opera-se a exclusão de uma afirmação que se admitiu – a existência do pacto com o diabo – e que já não se admite mais. Riobaldo enuncia-se então de acordo com sua decisão existencial. A sua linguagem converte-se numa encantação poética que tem por objetivo libertá-lo da condição de pactário, para recuperar o incessante movimento da vida que é a travessia para a autenticidade.

E quem é Riobaldo? O nome tem a mesma Etimologia de Teobaldo. “Baldo” é derivado do verbo alemão “walten”, que significa dominar, ser forte, estar presente como força ou espírito atuante. Em vez do poder de Deus, entretanto, o nome do personagem traz a palavra “rio”, símbolo do incessante movimento da vida, da liberdade. Rio é o que tem origem, mas não tem início; é o que não tem caminho, mas é o seu próprio caminho, o que se autodetermina, o que constrói suas margens, mas as antecede e excede. Seu nome faz referência, portanto, à constante mudança e transformação das pessoas, ao incessante movimento da vida, associado ao movimento das águas dos rios. Essa idéia comparece em várias imagens da narrativa: “Cheguei a encarar a água, o Rio das Velhas passando seu muito, um rio é sempre sem antiguidade.” (ROSA, 1976, p. 113). “O mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior.” (ROSA, 1976, p. 20)

Como um rio, Riobaldo, o narrador, traça seu próprio rumo, constitui-se em travessia. Agora, que mais idoso me vejo, e quanto mais remoto aquilo reside, a lembrança demuda de valor – se transforma, se compõe, em uma espécie de decorrido formoso. Consegui o pensar direito: penso como um rio tanto anda: que as árvores da beirada mal nem vejo... Quem me entende? O que eu queira. Os fatos passados obedecem à gente; os em vir, também. Só o poder do presente é que é furiável? Não. Esse obedece igual – e é o que é. Isto, já aprendi. A bobéia? Pois, de mim, isto o que é, o senhor saiba – é lavar ouro. (ROSA, 1976, p. 260)



E sua travessia consiste justamente em se libertar da impregnação do Urutú-Branco, que mandava nos outros e não mandava em si mesmo. E o “Urutú-Branco”? Ah, não me fale. Ah, esse... tristonho levado, que foi – que era um pobre menino do destino...” (ROSA, 1976, p. 16)

A travessia de Riobaldo é o vão entre a dupla negação que é “nonada” O primeiro nada representa o que já não é. É a recusa de uma essência definida, a recusa da impregnação demoníaca. O segundo nada é o que ainda não é; o ser que desperta, que busca sua autenticidade, que sabe que só é enquanto devém. Travessia, então, é o drama de um autoreconhecimento, a dramatização da personagem que se descobre. A vida assim entendida é um movimento contínuo de engrandecimento sem fim.

Riobaldo deixa de ser ninguém e passa a ser alguém quando encontra, ainda menino, Diadorim – o menino Reinaldo – e com ele tem sua iniciação nas águas do São Francisco. Esse encontro marca o primeiro rito de passagem na vida de Riobaldo. Ali ele aprende que não se deve ter medo – “carece de ter coragem” – e aprende a apreciar o espetáculo da natureza. Outros ritos de iniciação se seguem a esse. Quando do julgamento de Zé Bebelo o jagunço Riobaldo pede a palavra, na verdade exige: “ _ Dê licença, grande chefe nosso, Joca Ramiro, que licença eu peço! O que tenho é uma verdade forte para dizer, que calado não posso ficar...” (ROSA, 1976, p. 205)

Nesse momento, ele já se distingue do raso jagunço pelo uso da palavra, prerrogativa do chefe. Pelo uso da palavra, entretanto, se dará também um outro rito iniciatório que é a invocação do demônio nas Veredas Mortas. Depois de tantas desventuras na perseguição ao Hermógenes – positivo pactário – Riobaldo vai recorrer a forças sobre-humanas para conseguir realizar a tarefa na qual grandes chefes jagunços como Medeiro Vaz e Zé Bebelo haviam fracassado. E a cena em que se narra como ele se torna o chefe, após o pacto, começa exatamente com uma imagem que apresenta o movimento do rio, mas não para frente e sim para os lados e para baixo, acrescida da imagem das águas paradas dos brejos.

Me recordo de que as balas em meu revólver verifiquei. Eu queria a muita movimentação, horas novas. Como os rios não dormem. O rio não quer ir a nenhuma parte, ele quer é chegar a ser mais grosso, mais fundo. O Urucúia é um rio, o rio das montanhas. Recebe o encharcar dos brejos, verde a verde, veredas, marimbús, a sombra separada dos buritizais, ele. Recolhe e semeia areias. Fui cativo para ser solto? (ROSA, 1976, p. 329)

Esta imagem relaciona a força adquirida por Riobaldo a seu aprisionamento. “Eu queria ser maior do que eu. Ah, eu queria, eu podia. Carecia. “Deus ou o demo?” – sofri um velho pensar. (...) E em troca eu cedia às arras, tudo meu, tudo o mais – alma e palma, e desalma... Deus e o Demo! – “Acabar com o Hermógenes! Reduzir aquele homem!...”” (ROSA, 1976, p. 318)

Assim que, a partir do pacto, Riobaldo tem a certeza da vitória, assume a chefia como Urutú-Branco e passa a ter o poder sobre seus jagunços. De um estado de tristeza e desânimo, logo sobrevém um clima de euforia e de disposição de luta. O próprio Liso do Sussuarão – metáfora do inferno – que fora, mesmo com toda a preparação, intransponível para Medeiro Vaz, será transposto pelo Urutú-Branco sem maiores problemas. “(...) sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar. Viver é muito perigoso.” (ROSA, 1976, p. 22)

Os êxitos e vitórias do Urutú-Branco, entretanto, são todas num único sentido: matar, destruir o Hermógenes. Em função da invocação demoníaca, Riobaldo é aprisionado pelo pacto verbal numa única forma objetivada da vida psíquica, numa única modalidade do ser: a heteromorfose demoníaca, que é o desenvolvimento de uma virtualidade em preju-



ízo do todo¹. Neste momento, ele se torna inclusive surdo para as declarações de Diadorim, seu grande amor mal disfarçado em amizade e móvel recôndito de suas ações.

A narrativa épica de Riobaldo conta a história de um ser passado que assumiu e transcendeu a existência comum do jagunço no mundo do sertão, pactuando com o demo. E que, pactário, atravessou o inferno – o liso do Sussuarão – cavalgado pelo Outro e conseguiu a vitória final sobre o Hermógenes. Este passo, contudo, implicou o cessamento do livre desenvolvimento da vida. E as imagens que o representam são de água parada, estagnada ou envenenada. É o caso das Veredas Mortas, onde ocorre a invocação do demônio.

Só esta coisa o senhor guarde: meia-légua dali, um outro córrego-vereda, parado, sua água sem-cor por sobre o barro preto. Essas veredas eram duas, uma perto da outra; e logo depois, alargadas, formavam um tristonho brejão, tão fechado de moitas de plantas, tão apodrecido que em escuro: marimbús que não davam salvação. Elas tinham um nome conjunto – que eram as Veredas Mortas. (ROSA, 1976, p. 303)

Item, quando Riobaldo premedita o pacto:

Tudo o que me vinha, era só o entreter um planejado. Feito num traslo copiado de sonho, eu preparava os distritos daquilo, que, no começo, achei que era fantasia; mas que, com os seguidos dos dias, se encorpava, e ia tomando conta do meu juízo: aquele projeto queria ser é ação! E, o que era, eu ainda não digo, mais retardo de relatar. Coisa cravada. Nela eu pensava, ansiado ou em brando, como as águas da beira do rio finge que volta para trás, como a baba do boi cai em tantos sete fios. (ROSA, 1976, p. 304)

O movimento do rio – metáfora do movimento da vida – é anulado pela máscara do Urutú-Branco, que manda em todos e não manda em si, porque é cavalgado pelo Outro. A paralisação do movimento incessante da vida presente na cena do pacto nas Veredas Mortas comparece igualmente na luta final, no Tamanduá-tão, quando Riobaldo consegue a vitória sobre o Hermógenes, mas fica paralisado e não consegue mover-se no momento decisivo da luta e, em uma espécie de transe, sequer da fé do desenlace final.

As imagens de água parada aparecem ainda quando o narrador faz referência a poços d'água que tem em seu fundo uma pedra venenosa – morada do demo – que estraga a água (p. 12) e a um poço onde se encontra uma rã (p. 50). Estas imagens remetem, por sua vez, a um motivo recorrente em “Grande sertão: veredas”, a coisa dentro da outra: o diabo na rua no meio do redemoinho, um pedaço de ferro dentro de uma cabaça que é balançada por Diadorim e causa gastura em Riobaldo (p. 49), a bola de chumbo na caveira do marido da Maria Mutema e a maldade soprada por ela no ouvido do Padre Ponte (GALVÃO, 1983). Tudo isso reverbera a possessão demoníaca – o demo vige é nos crespos do homem – do Hermógenes e do jagunço Riobaldo.

O Hermógenes era positivo pactário. Desde todo o tempo, se tinha sabido daquilo. (...) E, veja, por que sinais se conhecia em favor dele a arte do Coisa-Má, com tamanha proteção? Ah, pois porque ele não sofria nem se cansava, nunca perdia nem adoecia; e, o que queria, arrumava, tudo; sendo que, no fim de qualquer aperto, sempre sobrevinha para corrigimento alguma revirada, no instinto derradeiro. (ROSA, 1976, p. 308)

Como o Hermógenes é positivo pactário e o jagunço Riobaldo invoca o demo justamente para poder vencê-lo, o desfecho desta luta só pode se dar pela morte de ambos ou de nenhum. A menos que um terceiro morra no lugar de um deles, como já havia sido sugerido no caso do pacto entre dois jagunços, Davidão e Faustino – nome, aliás, deve-



ras sugestivo –, para que o segundo morresse no lugar do primeiro, caso fosse a hora deste. Além disso, os favores d'Outro tem seu preço, o que é sabido do próprio Riobaldo: “O demo! Que tanto me ajudasse, que quanto de mim ia tirar o cobro? – “Deixa, no fim me ajeto...” – que eu disse comigo. Triste engano. Do que não lembrei ou não conhecesse, que a bula dele é esta: aos poucos o senhor vai, crescendo e se esquecendo...” (ROSA, 1976. p. 385)

Por fim, o cobro é esse: Riobaldo vence o Hermógenes, mas perde Diadorim e vem a ter a revelação do enigma da personagem, seu grande amor considerado impossível. Diadorim, móvel de toda a epopéia de Riobaldo e dono da empreita da vingança de Joca Ramiro, que os leva a tantas andanças, aventuras e desventuras sertão afora. O preço é alto, como cumpria ser. Ao firmar o pacto, Riobaldo havia pedido igualmente a proteção de Diadorim: “E, no singular de meu coração, dou dito: o que eu gostava tanto de Diadorim tinha um escrúpulo – queria que ele permanecesse longe de toda confusão e perigos. Há de, essa lembrança branda, de minha ação, minha Nossa Senhora ainda marque em meu favor. Deus me tenha!” (ROSA, 1976, p. 316)

Depois do pacto, entretanto, Diadorim estranha Riobaldo, reza e pede para rezar pela alma dele e tenta, em vão, mostrar a Riobaldo que, cumprida a vingança, tem um segredo a lhe revelar. Riobaldo, porém, está cego para qualquer coisa que não seja executar a vingança e destruir o Hermógenes, ou seja, para aquilo que o levou a fazer o pacto:

– “Riobaldo, escuta: vamos na estreitez deste passo...” – ele disse; e de medo não tremia, que era de amor – hoje sei.

– “Riobaldo, o cumprir de nossa vingança vem perto... Daí, quando tudo estiver repago e refeito, um segredo, uma coisa, vou contar a você...”

Ele disse, com o amor no fato das palavras. Eu ouvi. Ouvi, mas mentido. Eu estava longe de mim e dele. Do que Diadorim mais me disse, desentendi metade.” (ROSA, 1976, p. 386)

– “Por vingar a morte de Joca Ramiro, vou, e vou e faço, consoante devo. Só, e Deus que me passe por esta, que indo vou não com meu coração que bate agora presente, mas com o coração de tempo passado...” (...)

– “Menos vou, também, punindo por meu pai Joca Ramiro, que é meu dever, do que por rumo de servir você, Riobaldo, no querer e cumprir...”

Nem considere. – “É o Hermógenes tem de acabar!” – eu disse. Diadorim, ia ter certas lágrimas nos olhos, de esperança empobrecida. Me mirava, e não atinei. Será que até eu achasse uma devoção dele merecida trivial? Certo seja. Não dividi as finuras.” (ROSA, 1976, p. 404)

Assim como Diadorim morre no lugar de Riobaldo, Riobaldo também havia trocado, ou pelo menos adiado, seu próprio querer – Diadorim – pela causa de Diadorim, a vingança. Quando se dá conta, depois do desfecho no Paredão, ele tenta retroceder no passo fatídico: “Desapoderei. Aonde ia, eu retinha bem, mesmo na doidagem. A um lugar só: as Veredas-Mortas... De volta, de volta. Como se, tudo revendo, eu pudesse receber outra vez o que não tinha tido, repor Diadorim em vida?” (ROSA, 1976, p. 455)

Em vários momentos da guerra contra o Hermógenes, Riobaldo tencionara largar o bando e ir viver em paz, com sua noiva Otacília, remanso de rio largo. Mas não consegue largar seu grande amor, Diadorim, para trás e acaba arrastado. Assim, não podendo ou não conseguindo largar a vida de jagunço, ele não se coloca como dono de seu destino:

Mesmo com a minha vontade toda de paz e descanso, eu estava trazido ali, no extrato, no meio daquela diversidade, despropósitos, com a morte da banda da mão esquerda e da banda da mão direita, com a morte nova em minha frente, eu senhor de certeza nenhuma. (...)



O que era isso, que a desordem da vida podia sempre mais do que a gente? Adjaz que conformar com aquilo eu não queria, descido na inferneira. Carecia de que tudo esbarrasse, momental meu, para se ter um recomeço. E isso era. Pela última vez, pelas últimas. Eu queria minha vida própria, por meu querer governada. (ROSA, 1976, p. 268)

Em seus conflitos entre a opção pela vida de jagunço, que o liga a Diadorim – sua desencontrada paixão – ou pela vida com Otacília – seu amor em paz –, com a prostituta Nhorinhá de entremeio, Riobaldo apresenta a mesma imagem do riacho de água corrente que caracteriza o movimento da vida para descrever o que ocorre com o coração: “Acho que, às vezes, é até com a ajuda do ódio que se tem a uma pessoa que o amor tido a outra aumenta mais forte. Coração cresce de todo lado. Coração vige feito riacho colominhando por entre serras e varjas, matas e campinas. Coração mistura amores. Tudo cabe.” (ROSA, 1976, p. 145)

O ódio ao Hermógenes caminha paralelo ao amor a Diadorim. Diadorim, porém, era mais do ódio que do amor, como o narrador tanto se pergunta. As referências a Diadorim como um rio de águas bravas também comparecem no romance, que mistura guerra e paz, ódio e amor, bem e mal, Deus e o Diabo. Para acabar com a guerra e poder viver em paz é que se fez o pacto. A guerra foi vencida, mas a vida em paz terá de ser sem Diadorim, irremediavelmente. Ao mesmo tempo em que recupera o leme de sua vida, ele perde o que mais desejava. A partir deste conhecimento, fruto da experiência trágica, Riobaldo tentará encontrar o sentido do que aconteceu: “do jeito é que retorço meus dias: repensando.” Remoendo o curso dos eventos narrados em busca de seu sentido, o narrador se contrapõe radicalmente ao que foi enquanto ator, pactário, para recuperar sua autodeterminação.

Daí porque a tragicidade aumenta ao final da ação. Só aí Riobaldo passa a se questionar pelo sentido do que aconteceu. Uma vez decifrado o enigma de Diadorim e terminada a ação, o mistério se adensa. O fundamental em “Grande Sertão: Veredas” não está, portanto, no plano da narrativa épica passada, mas na reflexão do narrador sobre os acontecimentos que vão sendo apresentados de acordo com a ordem – ou desordem – com que brotam em sua memória. Aqui, não interessa sua linearidade ou a relação de causalidade entre eles, e sim sua relevância existencial:

A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto. O senhor é bondoso de me ouvir. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data. O senhor mesmo sabe. (ROSA, 1976, p. 77 e 78)

O simples suceder dos eventos é coisa de rasa importância. O sentido está em outra parte. Daí que o próprio enredo, na primeira metade do livro, é truncado. Truncado porque a apresentação dos eventos obedece à ordem de relevância estabelecida pelo narrador e não à sua linearidade, cronologia ou relação causal. Ao iniciar a narrativa, Riobaldo está com Diadorim, sob o comando de Medeiro Vaz, em guerra contra o Hermógenes e tentam atravessar o Liso do Sussuarão. Adiante temos a volta de Zé Bebelo que assume a chefia. Nesse ponto há um corte e é narrada a travessia do Rio São Francisco por Riobaldo e Diadorim quando meninos. Daí segue para a apresentação de sua juventude até o momento em que se tornou professor de Zé Bebelo, abandonando-o depois. Nessa altura, o “acaso” – a espera de uma noite por um rabo de saia – torna a juntar



Riobaldo e Diadorim e estes seguem sob o comando de Titão Passos para o acampamento de Hermógenes, a fazer a guerra contra Zé Bebelo.

O enredo na primeira metade do livro é sempre entrecortado, interrompido. Isto começa a mudar após a derrota e o julgamento de Zé Bebelo, na metade da narrativa. Segundo o narrador, entretanto, ao chegarmos nesse momento toda a estória já está contada.

E foi assim que a gente principiou a tristonha história de tantas caminhadas e vagos combates, e sofrimentos, que já relatei ao senhor, (...) Mas, isso, o senhor então já sabe. Só sim? Ah, meu senhor, mas o que eu acho é que o senhor já sabe mesmo tudo que tudo lhe fiei. Aqui eu podia por ponto. Para tirar o final, para conhecer o resto que falta, o que lhe basta, que menos mais, é por atenção no que contei, remexer vivo o que vim dizendo. Porque não narrei nada a toa: só apontação principal, ao que crer posso. (...)
O senhor ponha enredo. (ROSA, 1976, p. 234)

Ao fazer tal afirmação o narrador está enfatizando que a indagação sobre o sentido de alguns eventos e algumas passagens chaves já iam sendo apresentadas e adiantadas parcialmente nesses movimentos de avanços e recuos da primeira metade do enredo.

Rumo de lá, mas muito para baixo é um lugar. Tem uma encruzilhada. Estradas vão para as Veredas Tortas – veredas mortas. Eu disse, o senhor não ouviu. Nem torne a falar nesse nome, não. (...) Lugar não onde. Lugares assim são simples – dão nenhum aviso. Agora: quando passei por lá, minha mãe não tinha rezado – por mim naquele momento? (...) O paredão existe lá. Senhor vá, senhor veja. É um arraial. Hoje ninguém mora mais. As casas vazias. Tem até sobrado. (...) E eu não revi Diadorim. Aquele arraial tem um arruado só: é a rua da guerra... O demônio na rua no meio do redemunho... O senhor não me pergunte nada. Coisas dessas não se perguntam bem. (ROSA, 1976, p. 76 e 77)

O real se dispõe no meio do caminho, na travessia. Só aos poucos é que o escuro se torna claro. A própria identidade de Diadorim, elemento importante do enredo e do sentido do livro, é também revelada na primeira metade do livro numa passagem em que o narrador recorda que o ódio entre Diadorim e Otacília foi imediato e recíproco.

Diadorim era mais do ódio que do amor? Me lembro, lembro dele nessa hora, nesse dia, tão remarcado. Como foi que não tive um pressentimento? O senhor mesmo, o senhor pode imaginar de ver um corpo claro e virgem de moça, morto à mão, esfaqueado, tinto todo de seu sangue, e os lábios da boca decorados no branquiço, os olhos dum terminado estilo, meio abertos meio fechados? E essa moça de quem o senhor gostou, que era um destino e uma surda esperança em sua vida?! Ah, Diadorim e tantos anos já se passaram. (ROSA, 1976, p. 147)

Evidentemente, apenas o leitor que se dispõe a reler o livro tem uma noção mais clara deste procedimento de idas e vindas e deste jogo de velamento e desvelamento. Percebido ou não, entretanto, ele está presente na narrativa. E como há uma correlação entre o que o personagem vive em cada momento e a forma de apresentação dos eventos vividos, o enredo vai ganhando linearidade após a morte de Joca Ramiro e o início da perseguição ao Hermógenes. Como o pacto aprisiona o Urutú-Branco em uma única forma objetivada da vida psíquica e este passa a viver exclusivamente para exterminar o Hermógenes, não vendo mais nada a sua frente ou ao seu lado, inclusive as manifestações cada vez mais evidentes e reiteradas de amor da parte de Diadorim, o enredo passa a ser regido pela causalidade até o final da história, cinco páginas antes do final do livro.



O pacto condiciona os eventos subseqüentes até o desfecho da luta final. A narrativa se acelera e segue reta e linear até a batalha no Paredão.

As idas e vindas do enredo e da memória do narrador também têm ligação com o princípio de reversibilidade presente na obra: o narrador que se pega com Deus depois de ter feito o pacto com o Demo; o ódio e o amor caminhando paralelamente; o mal como condição do bem – o pacto para exterminar um pactário... Esta reversibilidade se apresenta também no próprio nome de Diadorim, a personagem contraditória por excelência do romance. Dia + adora remete à luz, ao bem, ao amor e a Deus. Diá + dor, ao seu oposto. Na condição ambivalente de Diadorim se espelha a ambigüidade que rege toda a obra (CAMPOS, 1983). Esta ambigüidade se faz presente inclusive na reversibilidade entre o que aconteceu e o que se imagina que aconteceu. Deste modo, o pacto existiu por seu reflexo na personalidade de Riobaldo. E não existiu pela ausência física do diabo, que, invocado, não comparece em sua própria figura (CANDIDO, 1978).

Neste espaço mítico em que se desenrolam os acontecimentos do romance, cindidos entre as forças do bem e do mal, o Rio São Francisco separa as margens de Deus – direita – e do Demo – esquerda. Na geografia / simbologia de “Grande sertão: veredas”, o São Francisco, mais do que um acidente físico, comparece como um elemento significativo de uma realidade mágica que separa o mundo fasto do mundo nefasto dos pactários, Hermógenes, no Carinhonha, e Riobaldo, no Urucúia. Na margem esquerda se situa ainda o Paredão, palco da luta final, e os Gerais de topografia fugidia onde ocorrem fatos estranhos e desencontrados como o pacto das Veredas-Mortas, as tentações obscuras, a vingança e a dor.

Esta separação, entretanto, posto que válida como esquema geral na simbologia do romance, não é absoluta. O Rio São Francisco, ao mesmo tempo em que separa as duas margens, também permite certa permeabilidade, especialmente o trânsito de Diadorim e Riobaldo, que igualmente transitam entre o amor e o ódio e entre Deus e o Demo. Além disso, apesar da predominância dos acontecimentos estranhos na margem esquerda, alguns se dão na margem direita. É o caso, especialmente, das revelações que Riobaldo faz a si mesmo na Guararavacã do Guaicuí, onde, sob o comando de Titão Passos, o grupo falha um prazo entre o fim da guerra contra Zé Bebelo e a notícia da morte de Joca Ramiro, que repõe o sertão em armas.

Naqueles olhos e tanto de Diadorim, o verde mudava sempre, como a água de todos os rios em seus lugares ensombrados. Aquele verde, arenoso, mas tão moço, tinha muita velhice, querendo me contar coisas que a idéia da gente não dá para se entender (...) Apanhei foi o silêncio dum sentimento, feito um decreto: – Que você em sua vida toda toda por diante, tem de ficar para mim, Riobaldo, pegado em mim, sempre! (...)
Mas foi nesse lugar, no tempo dito, que meus destinos foram fechados. (...)
Aquele lugar, o ar. Primeiro, fiquei sabendo que gostava de Diadorim – de amor mesmo amor, mal encoberto em amizade. Me a mim, foi de repente, que aquilo se esclareceu: falei comigo. Não tive assombro, não achei ruim, não me reprovei – na hora. (ROSA, 1976, p. 219 e 220)

Por outro lado, Medeiro Vaz, o rei dos Gerais, da margem esquerda, portanto, não consegue transpor o Liso do Sussuarão, mesmo com todo preparo. Já o Urutú-Branco o transpõe sem maiores problemas, ajudado e carregado, porém, pelo Outro.

No espaço geográfico e simbólico do sertão, marcado pela ambigüidade e pela reversibilidade das forças opostas de Deus e do Demo e cortado ao meio pelo Rio São Francisco, o personagem Riobaldo realiza sua “travessia”, no sertão e na sua alma, entre a dupla negação – “nonada”: o que já não é, o aprisionamento em uma única forma obje-



tivada da vida psíquica na condição de pactário; e o que ainda não é, a pessoa em sua invenção de si mesma buscando seu autoconhecimento e rejeitando ser cavalgado pelos outros ou pelo Outro. Nesta travessia, o personagem assume justamente seu nome: o que tem a força do rio – símbolo do incessante movimento da vida –, que se autodetermina, construindo suas próprias margens e as antecedendo e excedendo. A alma que se transforma e deixa de andar por um caminho e se torna ela própria o caminho.

Viver é muito perigoso. Narrar é muito dificultoso. Parodiando o compadre Quelemén: tem cisma não. Pensa pra diante. Viver ou narrar, às vezes, são as ações que são as quase iguais². O movimento de recuperação da autenticidade e da capacidade de definir os rumos de sua vida se dá na e pela narração, com as imagens do movimento das águas do rio avultando neste processo. A derradeira, já nas últimas linhas do romance, apresenta justamente a imponência e majestade do Rio São Francisco. “Para a velhice vou, com ordem e trabalho. Sei de mim? Cumpro. O Rio de São Francisco – que de tão grande se comparece – parece é um pau grosso, em pé, enorme...”.

A pergunta que o narrador se colocou no início do relato retorna igualmente em seu fecho. Solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum. Existe é homem humano. O diabo, entretanto, vige dentro do homem, nos crespos do homem. E o homem só se constituiu em sua travessia no mundo – o sertão é o mundo –, confrontado com as forças de luz e de treva. Deus esteja!

Notas

- ¹ Aqui é interessante lembrar a lição de Georg Simmel no ensaio “O conceito e a tragédia da cultura”, no qual apresenta as manifestações da cultura - direito, arte, religião etc - como exterioridades que promovem o caminho da alma humana de si mesma enquanto possibilidade para si mesma como realidade, promovendo o desenvolvimento do que está no centro da personalidade e lhe dá unidade.
- ² No original, “tem cisma não. Pensa pra diante. Comprar ou vender, às vezes, são as ações que são as quase iguais”.

Referências

- CAMPOS, Augusto de. Um lance de “Des” do Grande Sertão. Em: *Guimarães Rosa / Coleção Fortuna Crítica V.5*. COUTINHO, Eduardo F. (Org.). Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1983.
- CANDIDO, Antonio. O Homem dos Avessos. Em: *Tese e antítese*. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.
- GALVÃO, Walnice N. O Certo no Incerto: O Pactário. Em: *Guimarães Rosa / Coleção Fortuna Crítica V.5*. COUTINHO, Eduardo F. (Org.). Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1983.
- MELO e SOUZA, Ronaldes. Ficção e Verdade (Diálogo e Catarse em Grande Sertão: Veredas). Brasília: Clube de Poesia de Brasília, 1978.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 1976.
- _____. A Hora e a Vez de Augusto Matraga. Em: *Sagarana*. Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 1962.
- _____. A Terceira Margem do Rio e O Espelho. Em: *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 1962.

* Professor Adjunto do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFG. Doutor em Sociologia pela UnB/Universidade de Innsbruck, Áustria. Mestre em Literatura pela UnB. Bacharel em História pela UnB.

** Graduanda em Ciências Sociais na UFG. PIBIC sob orientação do Prof. Ms. Sebastião Rios.

